

Para-raios

Sergio Augusto Medeiros

Universidade Federal de Minas Gerais; Escola de Belas Artes; augustomedeirossergio@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta investigação examina o longa-metragem "O Homem do Sputnik" (1959), obra de Carlos Manga, enquanto constructo cultural que tematiza as tensões geopolíticas da Guerra Fria. A análise perscruta os mecanismos pelos quais esta comédia, inserida no gênero da chanchada, apropria-se de elementos ficcionais para engendrar uma crítica da reverberação do primeiro satélite artificial no imaginário coletivo nacional. Sob a premissa de que a ficção fílmica constitui lócus privilegiado para o esquadrinhamento das repercussões culturais dos avanços técnico-científicos (Bernardet, 2009), o estudo elucida os dispositivos narratológicos através dos quais a obra apresenta as inquietações decorrentes da corrida espacial no final da década de 1950. O advento do Sputnik 1, lançado pela União Soviética em outubro de 1957, demarcou um ponto de inflexão na disputa aeroespacial e catalisou a intensificação da competição entre as potências antagônicas. O título "Para-raios" dessa pesquisa evoca o desfecho emblemático do filme, no qual o satélite, inicialmente objeto de disputa internacional, transforma-se em prosaica proteção para a igreja local. Na simulação, os modelos antecedem os fatos, determinando sua existência e trajetória. Em vez de seguirem um curso independente, os fatos emergem na interseção dos modelos, que circulam como um campo magnético do acontecimento. Esse processo gera um curto-circuito entre fato e modelo, eliminando a falta de sentido, a polaridade dialética e a oposição entre elementos contraditórios. Dessa forma, o acontecimento se confunde com sua própria estruturação, permitindo múltiplas interpretações (Baudrillard, 1991). Essa pesquisa orienta-se pela indagação sobre como a obra articula, por meio de recursos paródicos, uma crítica às relações geopolíticas assimétricas, questionando o processo pelo qual ressignifica o imaginário tecnológico dentro das especificidades culturais do país. O objetivo primordial consiste em analisar os mecanismos estéticos mediante os quais a chanchada se apropria do episódio para elaborar uma simulação, identificando a caracterização dos personagens enquanto alegorias dos fatos em conflito. A singularidade desse enfoque está na análise dos procedimentos, contrastando com interpretações que tradicionalmente reduziram as chanchadas a um mero mimetismo, ao reconhecê-las como práticas que realizaram transposições contestatórias, articulando elementos performáticos para configurar posicionamentos críticos em relação aos avanços tecnocientíficos do período.

METODOLOGIA

A investigação fundamentou-se em uma abordagem interdisciplinar, combinando análise fílmica e pesquisa historiográfica. O conjunto documental primário foi constituído pelo longa-metragem restaurado em formato 35mm (BP, 97min 53seg, 2.770m, 1:1'66), disponível na Filmografia da Cinemateca Brasileira, complementado por documentos de época relacionados ao lançamento do Sputnik 1. A análise fílmica concentrou-se em três aspectos fundamentais: (1) a construção narrativa e seus deslocamentos paródicos; (2) a caracterização de personagens como alegorias das forças geopolíticas em conflito; e (3) os procedimentos de simulação que estabelecem diálogos com o contexto histórico-social brasileiro. Adicionalmente, foram consultados periódicos da época para compreender a recepção inicial do longa-metragem, produzido em 1959 e submetido à Censura Federal (Certificado 48.172 e 48.061), além dos processos de recensura em 1964, elementos que contextualizam sua circulação no período da polarização ideológica e tecnocientífica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exegese de "O Homem do Sputnik" evidencia uma operação dialética de apropriação e deslocamento, simultaneamente incorpora à diegese um elemento da tecnologia (o satélite) e o transplanta de seu contexto originário de significação tecnocientífica e bélica para o domínio da cotidianidade popular brasileira. Esse processo de transposição semântica constitui o substrato estético-político da obra, transcendendo a mera representação ficcional de um episódio histórico para configurar-se como exercício paródico, no qual a derisão emerge como simulação, problematizando os discursos hegemônicos sobre progresso tecnológico e desenvolvimento tecnocientífico. Quando o satélite despenca no aviário de um casal de comerciantes rurais, opera-se uma desarticulação das hierarquias simbólicas instituídas e propõe-se uma subversão temporária das relações assimétricas entre o erudito-científico e o vernacular-popular. Esse procedimento paródico acentua-se na caracterização dos agentes estrangeiros – russos, americanos e franceses – que disputam avidamente a posse do presumido artefato espacial. Esses personagens são construídos como figurações caricaturais que condensam representações estereotípicas sobre as potências internacionais e suas pretensões hegemônicas. A ficcionalização do Sputnik efetiva-se mediante um sistema de justaposições entre elementos aparentemente antinômicos, a representação de um objeto e sua ulterior conversão em para-raios para uma igreja paroquial local. As justaposições apresentam o *status* de meros recursos cômicos para estruturar uma cartografia das descontinuidades e tensões que caracterizavam a inserção do Brasil no sistema mundial. Na progressão narrativa, os protagonistas são inicialmente seduzidos pelas promessas de reconhecimento e prosperidade decorrentes de sua associação fortuita com o artefato tecnológico. Entretanto, o desdobramento diegético evidencia o caráter predatório e instrumentalizador dos interesses estrangeiros, conduzindo os protagonistas a uma crescente desconfiança que culmina com sua tentativa de evasão. A transmutação funcional do objeto (de satélite orbital a para-raios) sintetiza a operação cultural mais abrangente realizada pelo próprio longa-metragem, a apropriação subversiva de elementos da modernidade tecnológica que são ressignificados em sistemas culturais locais de produção de sentido. O cinema brasileiro da década de 1950 caracterizou-se por uma polarização entre vertentes industriais e independentes, com o roteiro cinematográfico constituindo uma demarcação ideológica (Romanzoti, 2020). Esse período testemunhou a consolidação das chanchadas, que deixaram de ser interpretadas como manifestações subservientes para serem compreendidas como potencialmente subversivas e genuinamente nacionais (Maia & Azevedo, 2018). A configuração narratológica desses filmes foi decisivamente influenciada pelo teatro popular, radiodifusão e folhetins.

A narrativa da simulação opera no filme como dispositivo epistemológico que permite interrogar os processos histórico-políticos sobre progresso e desenvolvimento. A singularidade de "O Homem do Sputnik" reside, precisamente, em sua capacidade de metamorfosear um "objeto-fato" em uma espécie de linguagem protagonista. Esse constructo elabora, através do humor e o exercício paródico, uma perspectiva que permite reposicionar o longa-metragem, como uma intervenção estética-política que, através da chanchada, oferece uma leitura das transformações sobre o panorama mundial na segunda metade do século XX.



Figura 1 – *Frame* do longa-metragem "O Homem do Sputnik"
Fonte: Filmografia da Cinemateca Brasileira (1959).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"O Homem do Sputnik" exemplifica a mediação realizada pela cinematografia brasileira em contexto de transformações geopolíticas globais. A chanchada, frequentemente marginalizada pelo cânone crítico da época, revela sua capacidade de articular, através de recursos paródicos, questionamentos sobre a identidade nacional e as aspirações de inserção na modernidade científica. A investigação demonstrou como, ao simular o impacto do satélite soviético no cenário brasileiro, o filme elabora uma reflexão crítica sobre as assimetrias nas relações internacionais e a posição estereotipada do país. O processo de deslocamento simbólico operado na narrativa, convertendo um artefato de alta tecnologia em para-raios de igreja local, constitui uma metáfora da própria operação cultural brasileira diante dos avanços tecnocientíficos. Ao reconhecer a dimensão epistemológica, abre-se um caminho para uma compreensão mais nuançada das formas pelas quais as manifestações culturais brasileiras processaram e ressignificaram os discursos hegemônicos sobre desenvolvimento e progresso. A obra perdura como linguagem que, por intervenção do simulacro, projetou um registro das tensões e contradições que permearam a inserção brasileira no sistema mundial durante o período desenvolvimentista, oferecendo um contraponto às narrativas oficiais sobre modernização e progresso.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BERNARDET, J-C. Cinema brasileiro: propostas para uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MAIA, G.; DE AZEVEDO, E. P. Quanto vale uma Chanchada? Disputas conceituais e valorativas em torno das comédias cinematográficas brasileiras (1940-50). Brasileira: Journal for Brazilian Studies, v. 6, n. 1, p. 105-125, 2018.
- ROMANZOTI, Natasha. O roteiro e suas relações com os modos de produção no cinema brasileiro dos anos 1950: uma análise a partir de quatro estudos de caso. Rebeca – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, v. 9, n. 1, p. 268-292, 2020.
- XAVIER, I. O cinema brasileiro moderno. São Paulo: Paz e Terra, 2001.